

SPEAK WHITE

Michèle Lalonde

Speak white
é tão bonito ouvir-vos
falar de Paradise Lost
ou do perfil gracioso e anônimo que treme
nos sonetos de Shakespeare

nós somos um povo inculto e gago
mas não somos surdos ao gênio de uma língua
falai com o acento de Milton e Byron e Shelley e
Keats
speak white
e perdoai-nos por só termos por resposta
os cantos roucos de nossos ancestrais
e a mágoa de Nelligan *

speak white
falai de umas e outras coisas
falai-nos da Grande Carta
ou do monumento a Lincoln
do encanto cinza do Tâmis
e da água rosada do Potomac
falai-nos de vossas tradições
nós somos um povo pouco brilhante
mas muito capaz de apreciar
toda a importância dos crumpets
ou do Boston Tea Party

* Emile Nelligan, poeta quebequense, nascido em Montréal, em 1879 e morto na mesma cidade, em 1941.

Mas quando vós really speak white
quando vós get down to brass tacks

para falar do gracious living
e falar do nível de vida
e da Grande Sociedade
um pouco mais alto então speak white
levantai vossas vozes de contramestres
nós somos um pouco duros de orelha
nós vivemos muito perto das máquinas
e só ouvimos nossa respiração acima das ferramentas

speak white and loud
que sejais ouvidos
da Saint-Henri a Saint-Domingue
sim que admirável língua
para dar empregos
para dar ordens
fixar a hora da morte no trabalho
e da pausa que refresca
e revigora o dólar

speak white
tell us that God is a great big shot
and that we're paid to trust him
speak white
falai-nos produção lucros porcentagem
speak white
é uma língua rica
para comprar
mas para se vender
mas para se vender até perder a alma
mas para se vender

ah!
speak white
big deal
mas para dizer-vos

a eternidade de um dia de greve
para contar
uma vida de povo-zelador
mas para voltar para casa à tarde
na hora em que o sol rebenta acima das
 vielás
mas para dizer-vos sim que o sol se põe sim
cada dia de nossas vidas a leste de vossos impérios
nada vale uma língua de imprecações
nosso palrar não muito limpo
manchado de graxa e de óleo

speak white
ficai à vontade em vossas palavras
nós somos um povo rancoroso
mas não culpamos ninguém
de ter o monopólio
da correção da linguagem

na língua doce de Shakespeare
com o acento de Longfellow
falai um francês puro e atrozmente branco
como no Vietnam e no Congo
falai um alemão impecável
com uma estrela amarela entre os dentes
falai russo falai apelo à ordem falai repressão
speak white
é uma língua universal
nós nascemos para compreendê-la
com suas palavras lacrimogênio
com suas palavras de metralhadora

speak white
tell us again about Freedom and Democracy
nós sabemos que liberdade é uma palavra negra
como a miséria é negra
e como o sangue se mistura à poeira das ruas de Alger
 ou de Little Rock

speak white
de Westminster a Washington revezai-vos
speak white como em Wall Street
white como em Watts
be civilized
e compreendei nosso falar de circunstância
quando vós nos perguntais polidamente
how do you do
e vós nos escutais responder
we're doing all right
we're doing fine
we
are not alonge

nós sabemos
que não estamos sós

(Tradução de Eunice Dutra Galéry)

MICHÈLE LALONDE nasceu em Montréal, em 1937. Licenciada em Filosofia pela Universidade de Montréal, obtém uma bolsa de estudos do Conselho de Artes do Canadá e faz um estágio na Universidade de Harvard. Começou a escrever quando ainda estudante e sua primeira peça de teatro, **ANKRANIA**, é encenada pela trupe Le Proscenium no Festival de Arte Dramática do Oeste do Quebec. Em 1958, publica um poema polifônico, **SONGE DE LA FIANCÉE DÉTRUITE**, apresentado na Radio Canadá. Em 1967, na Praça das Artes, em Montréal, é recitado seu poema mais conhecido, **SPEAK WHITE**, cuja tradução se apresenta. Nesse poema, Michèle Lalonde tenta expressar toda a angústia do povo do Quebec diante da esmagadora maioria de língua inglesa com a qual é confrontado diariamente, diante das sanções a que, até bem pouco tempo, era submetido por falar francês. O poema é também um grito de revolta contra toda e qualquer forma de opressão a que se submeta o homem, especialmente contra a opressão colonialista e neo-colonialista dos nossos dias, venha de onde vier.

BIBLIOGRAFIA

SONGE DE LA FIANCÉE DÉTRUITE, Montréal, Ed. d'Orphée, 1958.
GEÔLES, poèmes. Montréal, Ed. d'Orphée, 1957.
TERRE DES HOMMES, poème. Montréal, Ed. du Jour, 1967.
SPEAK WHITE, poème-affiche. Montréal, Ed. de l'Hexagone, 1974.